

ATICA



**FELIZMENTE
HA' LUAR!**

PEÇA EM 2 ACTOS
LUÍS DE STTAU MONTEIRO

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

FELIZMENTE HÁ LUAR!

PEÇA EM 2 ACTOS

11.^a EDIÇÃO



EDIÇÕES ATICA
LISBOA

Capa de LUIS OSÓRIO

© ATICA, S. A. R. L., Lisboa



Composto e impresso nas oficinas gráficas da
TIPOGRAFIA MACARLO, LDA. — Rua Jorge Afonso, 10-A — LISBOA
Acabou de imprimir-se em Novembro de 1978

Esta peça foi representada pela primeira vez, em antestreia, na sede do CLUB FRANCO-PORTUGAIS DE LA JEUNESSE, de Paris, no dia 1 de Março de 1969, e foi estreada no dia 30 desse mesmo mês no THEATRE DE L'OUEST PARISIEN, também de Paris, pelo TEATRO-OFICINA PORTUGUÊS.

O espectáculo da estreia foi apresentado por este grupo e pela organização LOISIRS ET CULTURE, da RÉGIE NATIONAL RENAULT.

DISTRIBUIÇÃO

MANUEL, o mais consciente dos populares	ANTÓNIO DE JESUS
RITA, mulher de MANUEL	HELENA MARIA
ANTIGO SOLDADO do regimento de G. F.	JOTTA OLIVEIRA
VICENTE, um provocador	ANTÓNIO ASSUNÇÃO
PRIMEIRO POPULAR	GILBERTO BANDEIRA
PRIMEIRO POLÍCIA	MIGUEL GUEDES
SEGUNDO POLÍCIA	ANTÓNIO CASTRO
D. MIGUEL FORJAZ	MANUEL MARTINS
BERESFORD	SANTOS DIONÍSIO
PRINCIPAL SOUSA	VALDEMAR SOUSA
MORAIS SARMENTO, um denunciante	CÉSAR MORAIS
ANDRADE CORVO, um denunciante	FERNANDO TEIXEIRA
FREI DIOGO DE MELO	JOTTA OLIVEIRA
ANTÓNIO DE SOUSA FALCÃO	ANTÓNIO HENRIQUE
MATILDE DE MELO	CLARA ROCHA
PADRE	MANUEL GUERREIRO

ENCENAÇÃO DE CARLOS CÉSAR

UMA CANÇÃO DE MANUEL CARVALHO
DIAPOSITIVOS DE J. P. DOUTRE-ROUSSEL
SOM DA MAISON DES JEUNES DE CACHAN

PERSONAGENS

MANUEL — *O mais consciente dos populares*

RITA — *A mulher de Manuel*

ANTIGO SOLDADO — *Um antigo soldado do regimento de
Gomes Freire*

VICENTE — *Um provocador em vias de promoção*

DOIS POLÍCIAS — *Iguais a todos os policiaes*

VÁRIOS POPULARES — *O pano de fundo permanente*

D. MIGUEL FORJAZ		<i>Três conscienciosos governadores do Reino</i>
BERESFORD		
PRINCIPAL SOUSA		

MORAIS SARMENTO		<i>Dois denunciantes que honraram a classe</i>
ANDRADE CORVO		

FREI DIOGO DE MELO — *Um homem sério que destoaria
nesta peça se nela não figurassem, também,*

ANTÓNIO DE SOUSA FALCÃO — *O inseparável amigo, e*

MATILDE DE MELO — *A companheira de todas as horas de*

O GENERAL GOMES FREIRE D'ANDRADE — *que está
sempre presente, embora nunca apareça.*

A pergunta é acompanhada dum gesto que revela a impotência da personagem perante o problema em causa. Este gesto é francamente «representado». O público tem de entender, logo de entrada, que tudo o que se vai passar no palco tem um significado preciso. Mais: que os gestos, as palavras e o cenário são apenas elementos duma linguagem a que tem de adaptar-se.

ACTO I

Ao abrir o pano, a cena está às escuras, encontrando-se uma única personagem intensamente iluminada, ao centro e à frente do palco. Esta personagem está andrajosamente vestida.

MANUEL

Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?

(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco, detém-se, e continua)

Ao dizer isto, a personagem está quase de costas para os espectadores. Esta posição é deliberada. Pretende-se criar desde já, no público, a consciência de que ninguém, no decorrer desta peça, vai esboçar um gesto para o cativar ou para acamaradar com ele. (O réu não se senta ao lado dos juizes.)

Muda de tom à voz. Está a imitar, com sarcasmo, alguém que se não sabe quem seja. Entende-se, todavia, que a personagem se refere ao ambiente político da época.

Volta ao seu tom de voz habitual.

Vê-se a gente livre dos Franceses, e zás!, cai na mão dos Ingleses!

E agora? Se acabamos com os Ingleses, ficamos na mão dos reis do Rossio...

Entre os três o diabo que escolha...

(Pausa)

Deus todo-poderoso para a frente... Deus todo-poderoso para trás... Sua Majestade para a esquerda... Sua Majestade para a direita...

(Pausa)

E enquanto eles andam para trás e para a frente para a esquerda e para a direita, nós não passamos do mesmo sítio!

Ilumina-se, súbitamente, o fundo do palco. De pé e senta

das, várias figuras populares conversam. Algumas dormem estendidas no chão. Uma velha, sentada num caixote, cata piolhos a uma rapariga nova.

(Avança e detém-se junto duma mulher ainda nova, que dorme, no chão, coberta por uma saca)

A Rita dorme. A que horas chegou ela?

1.º POPULAR

(Levantando-se dum salto e macaqueando as maneiras dum fidalgo, finge tirar um relógio do bolso dum colete inexistente)

Saiba, meu senhor, que a Senhora D. Rita chegou tarde.

Eram quase cinco horas pelo meu relógio de ouro.

(Finge levantar o relógio para o ver melhor.)

(Desfaz o gesto com violência e continua em tom raivoso)

Alguém aqui tem relógio?

(Como ninguém responde, volta a dirigir-se a Manuel)

A pergunta não é dirigida a ninguém.

O gesto é lento, deliberadamente sarcástico.

O tom é irónico.

O primeiro popular volta a sentar-se.

Começa a ouvir-se, ao longe, o ruído de tambores.

Algumas personagens mostram certa agitação.

Esqueceram-se dos religios em casa...

MANUEL

Está bem. Está bem.

(Dá um safanão na rapariga, que se levanta com lentidão)

São horas de nos irmo indo, mulher.

RITA

Já?

MANUEL

Lembra-te do que tem de andar.

(Ouve o som dos tambores)

Que é isto?

(Todos se levantam e cutam a medo. Alguns pegam nos seus objectos pessoais — cestos, mantas farrapadas, uma abôbo etc. — e preparam-se para fugir. Outros, parados, peram que o som dos tambores indique a direcção da marcha das tropas.)

O ruído afasta-se. Ficam todos calados, indecisos.)

1.º POPULAR

Não vêm para cá.

O ANTIGO SOLDADO

Estas cantigas são inventadas
No regimento de Freire d'An-

[drade

São cantadas com o estilo

De lá ré ó liberdade.

1.º POPULAR

Onde aprendeu vossemecê
isso?

O ANTIGO SOLDADO

Em Campo d'Ourique—já
lá vão mais de dez anos—,
quando eu era soldado no
regimento de Gomes Freire...

Aqui onde me vêem já
andei nas guerras...

RITA

Com o general?

O ANTIGO SOLDADO

Com o general, pois!

Em tom de quem
oca o passado
m saudade.

O grupo começa
prestar atenção
diálogo.